



A Santa Sé

JUBILEU EXTRAORDINÁRIO DA MISERICÓRDIA

PAPA FRANCISCO

AUDIÊNCIA JUBILAR

Sábado, 30 de Abril de 2016

[Multimídia]

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje desejo refletir convosco sobre um aspeto importante da misericórdia: a reconciliação. Deus nunca deixou de oferecer o seu perdão aos homens: a sua misericórdia faz-se sentir de geração em geração. Muitas vezes pensamos que os nossos pecados afastam o Senhor de nós: na realidade, pecando, somos nós que nos afastamos d'Ele, mas Ele, ao ver-nos em perigo, vem-nos procurar ainda mais. Deus nunca se resigna à possibilidade de encontrar em nós algum sinal de arrependimento pelo mal cometido.

Unicamente com as nossas forças não conseguimos reconciliar-nos com Deus. O pecado é deveras uma expressão de recusa do seu amor, com a consequência de nos fecharmos em nós próprios, iludindo-nos que encontramos mais liberdade e autonomia. Mas longe de Deus já não temos uma meta, e como peregrinos neste mundo tornamo-nos «errantes». Um modo de dizer comum é que, quando pecamos, nós «voltamos as costas a Deus». É precisamente assim; o pecador só vê a si mesmo e deste modo pretende ser autossuficiente; por isso, o pecado aumenta cada vez mais a distância entre nós e Deus, e esta pode tornar-se um abismo. Contudo, Jesus vem procurar-nos como um bom pastor que não se contenta enquanto não encontra a ovelha perdida, como lemos no Evangelho (cf. *Lc 15, 4-6*). Ele reconstrói a ponte que nos une ao Pai e nos permite reencontrar a dignidade de filhos. Com a oferta da sua vida reconciliou-nos com o Pai e deu-nos a vida eterna (cf. *Jo 10, 15*).

«Reconciliai-vos com Deus!» (2 Cor 5, 20): a admoestação que o apóstolo Paulo dirigiu aos primeiros cristãos de Corinto é válida hoje, com o mesmo vigor e convicção, para todos nós. Deixemo-nos reconciliar com Deus! Este Jubileu da Misericórdia é um tempo de reconciliação para todos. Muitas pessoas gostariam de se reconciliar com Deus mas não se sentem dignas, ou não querem admiti-lo nem sequer a si mesmas. A comunidade cristã pode e deve favorecer o retorno sincero a Deus de quantos sentem a sua nostalgia. Sobretudo quantos realizam o «ministério da reconciliação» (2 Cor 5, 18) estão chamados a ser instrumentos dóceis ao Espírito Santo para que onde abundou o pecado possa superabundar a misericórdia de Deus (cf. Rm 5, 20). Ninguém fique distante de Deus por causa de obstáculos postos pelos homens! E isto é válido também — e realço este aspeto — para os confessores — é válido para eles: por favor, não ponhais obstáculos às pessoas que querem reconciliar-se com Deus. O confessor deve ser um pai! Está no lugar de Deus Pai! O confessor deve acolher as pessoas que vão ter com ele para se reconciliarem com Deus e ajudá-las no caminho desta reconciliação que estamos a fazer. É um ministério muito bonito: não é uma sala de tortura nem um interrogatório, não, é o Pai que recebe e acolhe esta pessoa e perdoa. Deixemo-nos reconciliar com Deus! Todos nós! Que este Ano Santo seja o tempo favorável para redescobrir a necessidade da ternura e da proximidade do Pai e voltar para Ele de todo o coração.

Fazer experiência da reconciliação com Deus permite descobrir a necessidade de outras formas de reconciliação: nas famílias, nos relacionamentos interpessoais, nas comunidades eclesiais, assim como nas relações sociais e internacionais. Alguém me dizia, nos dias passados, que no mundo há mais inimigos do que amigos, e penso que tem razão. Mas não, construamos pontes de reconciliação também entre nós, começando pela própria família. Quantos irmãos discutiram e se afastaram unicamente pela herança. Isto não está bem! Este é o ano da reconciliação com Deus e entre nós! Com efeito, a reconciliação é também um serviço à paz, ao reconhecimento dos direitos fundamentais das pessoas, à solidariedade e ao acolhimento de todos.

Então, aceitemos o convite a deixar-nos reconciliar com Deus, para nos tornarmos novas criaturas e podermos irradiar a sua misericórdia entre os irmãos, no meio do povo.

Saudação aos participantes no Jubileu das Forças Armadas e de Polícia

Dou as minhas boas-vindas com alegria aos representantes das forças armadas e de polícia, provenientes de tantas partes do mundo, que vieram em peregrinação a Roma por ocasião do Jubileu extraordinário da Misericórdia. As forças da ordem — militares e de polícia — têm por missão garantir um ambiente seguro, para que cada cidadão possa viver em paz e serenidade. Nas vossas famílias, nos vários ambientes nos quais trabalhais, sede instrumentos de reconciliação, construtores de pontes e semeadores de paz. De facto, estais chamados não só a prevenir, gerir, ou pôr fim aos conflitos, mas também a contribuir para a construção de uma ordem fundada na verdade, na justiça, no amor e na liberdade, segundo a definição de paz de são João XXIII na Encíclica *Pacem in terris* (nn. 18 ss.).

A afirmação da paz não é empreendimento fácil, sobretudo por causa da guerra, que torna os corações áridos e aumenta a violência e o ódio. Exorto-vos a não desanimar. Prossegui o vosso caminho de fé e abri os vossos corações a Deus Pai misericordioso que nunca se cansa de nos perdoar. Face aos desafios de todos os dias, fazei resplandecer a esperança cristã, que é certeza da vitória do amor sobre o ódio e da paz sobre a guerra.

Saudações

Queridos peregrinos de língua portuguesa, sede bem-vindos! Saúdo-vos como membros desta família que é a Igreja, pedindo-vos que renoveis o vosso compromisso para que as vossas comunidades sejam lugares sempre mais acolhedores, onde se faz experiência da misericórdia e do perdão de Deus. Que Nossa Senhora proteja a cada um de vós, e o Senhor vos abençoe a todos!
